

2. MARTIR DA CARIDADE

De Robert Deleener, da fraternidade de Bruxelas.

“Viver cada dia como se fosse o último, investino o melhor de si mesmo, é já dar um sentido a própria vida”.

No ano passado, no dia 5 de junho, morria nosso irmão Robert Deleener com 54 anos. A notícia se espalhou por sua paróquia e entre os padres da Fraternidade Jesus Caritas. “Hoje cedo Roberto foi assassinado, selvagememente apunhalado e degolado ... e, cúmulo do horror, diante de sua pobre mãe de 88 anos.

Na tarde do dia seguinte, nossa fraternidade, composta de padres africanos e europeus, se reuniu no lugar habitual, na casa dos irmãozinhos do Evangelho, para uma tarde de recolhimento. Cada um de nós contou como conheceu Robert e a melhor lembrança que dele guardava. Lendo alguns textos, relacionamos espiritualmente esta morte trágica com a de Carlos de Foucauld, de Roger van Turnhout, padre operário de Charleroi, dos monges de Tibhirine, do irmão Yves Lescanne nos Camarões, de Dom Pierre Claverie em Oran e de muitos outros mártires da caridade como Charles Deckers, que acolheu a Assembléia Geral de nossas Fraternidades na Argélia, há muitos anos.

Lembramo-nos, naquela tarde, que por duas vezes Robert tinha falado com humildade do caso de consciência que lhe colocava alguém que pedia asilo e a necessidade de pôr limites a seu comportamento psicótico e, além disso, agressivo. Nós o escutamos e aconselhamos sem nos dar conta do paroxismo da situação e que se tratava de alguém que podia tornar-se assassino.

Num mesmo movimento de consagração a Deus, Robert tinha se dedicado ao mundo do trabalho. São testemunhas sua formação no seminário Cardijn em Jumet e seus anos de padre operário numa instituição hospitalar. Nomeado pároco da paróquia de Sainte Croix-la-futaie, em Boisfort (bairro residencial periférico de Bruxelas), ele manteve contato com o Movimento Operário Cristão (MOC). Foi assim assistente do “serviço aos doentes” da Mutuelle Saint Michel e da União Cristã de Aposentados.

Gente muito simples, às vezes marginais, eram seus amigos e comiam em sua casa em companhia de sua querida mãe. Esta, de uma discrição sem igual, mostrou-lhe o caminho do dom de si mesmo, e até no momento de terror, ela esteve a seu lado. Como Maria junto de Jesus na cruz. Vendo-a participar dos funerais, corajosa e cantando, não ousamos dizer o que pensamos: “ela não vai se refazer nunca mais”.

Em nossa Fraternidade Sacerdotal, Robert participava regularmente da reunião mensal, atento a todos, particularmente aos padres expatriados, cujos sofrimentos pessoais devidos ao exílio ele compreendia.

Modesto e humilde quando se tratava de sua revisão de vida, sabia no entanto animar-se e tomar posições firmes quando a questão era a evolução da Igreja e os freios colocados por um tipo de hierarquia e pelos meios conservadores à criatividade pastoral. Homem de diálogo, comprometia-se com a colaboração entre as paróquias e as comunidades de seu setor pastoral com paciência e firmeza.

Na homilia, Dom de Kesel lembrou que Robert foi discípulo de Jesus. “Foi a pobreza do coração, a ausência de todo orgulho e superioridade, a simplicidade e a doçura, que o marcaram tanto. Tinha sede de justiça, e se preocupava de fato com o outro, o deficiente, o doente, o pobre.”

Aos jornalistas que o interrogaram no dia depois da “despedida”, um jovem confrade e amigo de Robert dizia: “Creio que ele nos pediria que perdoássemos”. Um diário popular fez dessa afirmação um grande título que foi lido por milhares de pessoas, como uma mensagem póstuma à população de Bruxelas.

E agora que “o justo foi posto à morte”, o que dizer ainda?

Quando nos reencontramos em fraternidade, uma série de questões nos veio à mente. Queremos compartilhá-la com vocês.

- Vamos nos entrincheirar por detrás das fechaduras da segurança e do medo? Saberemos continuar a correr o risco da hospitalidade e da acolhida, mesmo se o dom de nossa vida nos for arrancado? Estamos atentos aos milhões de mães cujos filhos foram supressos pela violência? Saberemos dizer-lhes: “Mães, somos seus filhos”?

- Como um ser humano pode tornar-se o assassino de seu benfeitor? Não somos cúmplices de uma sociedade que faz calar pela exclusão ou a repressão aquele que grita seu desespero, por seu mal estar? Não tentamos sufocar a revolta que explode, e que nós conhecemos? É o amor que cura. Relemos a atitude de Jesus diante do demoníaco (Mc 5,1-20)

- Não estamos diante do trágico inesperado como aqueles, no tempo de Jesus, que procuravam uma explicação para o massacre dos galileus ou a queda da torre de Siloé? (Lc 13,1-5). Isso não poderia acontecer conosco também? Em qualquer momento, podemos ser levados a prestar contas de nossa vida.

Nesses dias de luto e de esperança, fomos interpelados por um texto de Carlos de Foucauld, escrito em 1898, bastante tempo antes de sua morte. Apresentamos o texto assim como se encontra na obra de Antoine Chatelard “A morte de Carlos de Foucauld” (Karthala 2000, p. 152).

“Seja qual for o motivo pelo qual alguém nos mata, se nós, na alma, recebemos a morte, injusta e cruel, como um dom abençoado de vossa mão, se vos agradecemos como por uma bela graça, por uma feliz imitação de vosso fim, se vo-la oferecemos como um sacrifício oferecido de muito boa vontade, se não resistimos para obedecer à vossa palavra “não resistais ao mal” e “por vosso exemplo ele se deixou não somente tosquiar mas degolar sem se queixar”, então, seja qual for o motivo que alguém tenha para nos matar, nós morremos no puro amor e nossa morte será para vós um sacrifício de agradável odor, e se não for um martírio no sentido estrito da palavra e aos olhos dos homens, assim será a vossos olhos, será uma imagem perfeita de vossa morte e um fim muito amoroso que nos levará ao céu... Pois se nesse caso não oferecemos nosso sangue por nossa fé, com todo o nosso coração nós o teremos oferecido e entregue por vosso amor”.

Quando terminamos este testemunho ficamos sabendo que o assassino de Robert se suicidou em sua cela. Remorso? Cume do desespero, falta de droga? Negligência dos guardas da prisão em greve naquele dia? Ei-lo na misericórdia de Deus e, na terra, terminou a ação da justiça.